**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia**

Sonia Cristina Barbosa de Souza

**A EDUCAÇÃO COMO TEXTO VIVO: UM ESTUDO SOBRE A FILOSOFIA
HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR**

Campo Grande - MS

2025

Sonia Cristina Barbosa de Souza

**A EDUCAÇÃO COMO TEXTO VIVO: UM ESTUDO SOBRE A FILOSOFIA
HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para
graduação no Curso de Licenciatura em
Filosofia da Faculdade de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Weiny César Freitas
Pinto
Coorientador: Pedro Henrique Cristaldo
Silva

Campo Grande - MS

2025

DEDICATÓRIA

A minha querida e amada mãezinha, dona Ivanir de Mattos.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este trabalho é, para mim, mais do que encerrar um ciclo acadêmico, é afirmar que todo esforço, por mais difícil que pareça, pode florescer em conquista.

Agradeço, primeiramente, à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, minha segunda casa por todos esses anos. Registro minha gratidão a toda a Instituição, começando pelos colaboradores da limpeza, da segurança, das secretarias, que silenciosamente mantêm tudo funcionando. Sem eles, nada caminha.

Agradeço à Faculdade de Ciências Humanas, ao curso de Filosofia, e a todos os professores e professoras que me ajudaram a ampliar meu olhar sobre o mundo e sobre mim mesma.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto, que não apenas acompanhou com dedicação cada etapa deste Trabalho de Conclusão de Curso, mas foi também o responsável por me apresentar Paul Ricoeur — o autor que transformou meu modo de pensar a educação e a filosofia. Foi em sua aula, um semestre antes de eu iniciar meu projeto de pesquisa para este trabalho, que ouvi pela primeira vez aquele nome que, hoje, se tornou tão significativo na minha vida acadêmica e pessoal.

Aos colegas discentes, a minha gratidão fraterna. Compartilhamos alegrias, angústias, risos e dúvidas. Muitos seguiram, outros pararam no caminho, mas todos deixaram marcas. Também expresse meu sincero reconhecimento a ele, que considero meu Coorientador, Pedro Henrique Cristaldo Silva, cuja escuta atenta e contribuições generosas foram fundamentais para o amadurecimento deste trabalho. Foi com vocês que aprendi que a Universidade é também lugar de amizade, de apoio mútuo e de resistência.

Agradeço meus filhos Leandro e Lucas, minha família, que, mesmo distante geograficamente e diante das dificuldades, sempre esteve presente com palavras, com gestos e com amor.

E não posso deixar de agradecer, com toda a emoção do meu coração, a minha mãe — minha maior inspiração. Uma mulher forte, digna, que não teve a oportunidade de estudar, mas que me ensinou o verdadeiro valor do conhecimento, da honestidade e do esforço. É por ela e para ela que esse diploma tem ainda mais sentido.

Foram muitos os obstáculos: reprovações, trancamentos, dores, cansaços. Mas nada disso me impediu de continuar. Cada capítulo desse trabalho foi escrito com o suor do meu sacrifício e com a força do meu sonho.

A todos que caminharam comigo, meu muito obrigada. Este trabalho é fruto de um solo coletivo, irrigado por lutas e esperanças. Que ele possa, de alguma forma, retribuir o que recebi: com palavras que toquem, com ideias que inspirem, e com a certeza de que a educação é, de fato, um texto vivo.

EPÍGRAFE

O momento em que a literatura atinge sua mais alta eficiência talvez seja aquele em que ela põe o leitor na situação de receber uma solução para a qual ele mesmo tem que achar as perguntas apropriadas, aquelas que constituem o problema estético e moral colocado pela obra. (Ricoeur, 2010c, p. 298)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo que investiga a aplicação da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur (1913-2005) ao ensino de filosofia, analisando como essa abordagem pode promover uma educação mais reflexiva, crítica e humanizadora. A pesquisa, de caráter exploratório, fundamenta-se, principalmente, em obras-chave de Ricoeur, como os três volumes de *Tempo e Narrativa* (2010a, 2010b, 2010c) e *Teoria da Interpretação* (2019). O problema que orienta este trabalho é investigar qual é e como se dá a contribuição da filosofia hermenêutica ricoeuriana para o ensino de filosofia. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórica, reflexiva cujo objetivo é pensar o ensino de filosofia a partir de fundamentos que envolvem linguagem, interpretação, narrativa e a formação do sujeito. A possibilidade desta investigação está ancorada no próprio espírito da hermenêutica: compreender o texto, o mundo e o ser humano como abertos à interpretação. Essa abertura permite que a filosofia de Ricoeur dialogue com o campo educacional, não para propor métodos prontos, mas para inspirar uma reflexão mais profunda sobre o ato de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Hermenêutica. Paul Ricoeur. Texto vivo.

ABSTRACT

This paper presents a study that investigates the application of Paul Ricoeur's (1913-2005) hermeneutic philosophy to the teaching of philosophy, analyzing how this approach can promote a more reflective, critical, and humanizing education. The research, of an exploratory nature, is based mainly on key works by Ricoeur, such as the three volumes of *Time and Narrative* (2010a, 2010b, 2010c) and *Theory of Interpretation* (2019). The problem that guides this work is to investigate what is and how Ricoeur's hermeneutic philosophy contributes to the teaching of philosophy. This is a theoretical, reflective research whose objective is to think about the teaching of philosophy based on foundations that involve language, interpretation, narrative, and the formation of the subject. The possibility of this investigation is anchored in the very spirit of hermeneutics: understanding the text, the world, and the human being as open to interpretation. This openness allows Ricoeur's philosophy to dialogue with the educational field, not to propose ready-made methods, but to inspire a deeper reflection on the act of teaching and learning.

Keywords: Education. Hermeneutics. Living text. Paul Ricoeur. Philosophy.

Sumário

Introdução	10
1 O que é a hermenêutica?	12
1.1 Panorama histórico do desenvolvimento da hermenêutica.....	12
1.2 A inserção de Ricoeur na tradição da filosofia hermenêutica.....	16
2 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur	18
2.1 Breve percurso biográfico de Paul Ricoeur.....	18
2.2 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur.....	20
3 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur e o ensino de filosofia	26
3.1 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a filosofia.....	26
3.2 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a educação.....	28
3.2.1 O processo da interpretação na filosofia ricoeuriana.....	28
3.2.2 A noção de “texto vivo” da hermenêutica ricoeuriana.....	29
3.2.3 A noção de “texto vivo” aplicada ao ensino de filosofia.....	30
Considerações finais	33
Referências bibliográficas	34

Introdução

Neste trabalho apresento uma proposta de contribuição da filosofia hermenêutica do pensador francês Paul Ricoeur (1913-2005 com o intuito de explorar possibilidades de aplicação do método hermenêutico ao ensino de filosofia. O percurso textual se desenvolve em três capítulos principais. No primeiro capítulo, realizo um breve panorama histórico da hermenêutica, abordando suas origens gregas, o seu desenvolvimento no contexto da interpretação bíblica e jurídica, sua consolidação filosófica com Schleiermacher e Dilthey, bem como os seus desdobramentos posteriores com Heidegger e Gadamer. Finalizo o capítulo apresentando a inserção de Ricoeur na tradição filosófica hermenêutica. No segundo capítulo, apresento uma síntese biográfica e o pensamento filosófico ricoeuriano, com ênfase nos conceitos importantes de sua hermenêutica para a investigação que nos propusemos apresentar. No terceiro capítulo, trago uma ideia da aplicação da hermenêutica ricoeuriana ao ensino de filosofia, propondo a leitura filosófica caracterizada pela noção de “texto vivo” como prática interpretativa capaz de promover um ensino de filosofia mais reflexivo.

Do ponto de vista da metodologia adotada, toda a base teórica, conceitual e argumentativa deste trabalho foi construída a partir da leitura de duas obras de Paul Ricoeur: os três volumes de *Tempo e Narrativa* (2010a, 2010b, 2010c) e *Teoria da Interpretação* (2019). Como instrumento de apoio técnico no processo de organização textual, esclarecimento didático de conceitos complexos e revisão linguística, este trabalho utilizou a ferramenta de Inteligência Artificial, especificamente o modelo ChatGPT da OpenAI (2023). Ressalto que a integridade ética e acadêmica do trabalho não foi comprometida, pois todas as decisões conceituais, escolhas metodológicas e interpretações foram realizadas com base no estudo das referências, por meio da leitura crítica, da reflexão pessoal e da autoria intelectual da pesquisa. Nesse contexto, o uso da IA representou uma mediação produtiva entre tecnologia e pensamento humano, contribuindo para a clareza, a estrutura e a coerência da escrita, mantendo-se o compromisso com a originalidade, a responsabilidade e a honestidade acadêmica.

O problema que orienta este trabalho consiste na seguinte questão: como a hermenêutica ricoeuriana contribui para o ensino de filosofia na educação básica? Em resposta a esse questionamento, apresento a hipótese de que a noção de “texto vivo”, conforme desenvolvida por Paul Ricoeur em sua hermenêutica, pode ser compreendida como uma proposta metodológico-existencial que permite ao aluno interpretar textos

filosóficos e sua própria experiência de forma crítica e significativa. A hermenêutica de Ricoeur, nesse sentido, não se limita à análise teórica, mas se revela como um caminho de formação humana e educacional articulada pela narrativa. Compreender a filosofia de Paul Ricoeur exige mais do que conhecer suas obras: é preciso ver o caminho de vida que as atravessa. Para Ricoeur, a interpretação não é uma operação fria ou apenas técnica, mas uma atividade profundamente humana, enraizada na experiência vivida. É aqui que entra a fenomenologia, ponto decisivo para entendermos seu projeto hermenêutico. A fenomenologia, como ele a recebeu de Husserl e modificou aprofundando-a em diálogo com Heidegger, ensina que todo conhecimento começa com a vivência. Ou seja, o sujeito que interpreta não é uma mente abstrata isolada do mundo, mas alguém situado na linguagem e na história.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir, a partir da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, para o fortalecimento do ensino de filosofia, promovendo uma formação que valorize a interpretação, a reflexão crítica e o envolvimento do aluno como sujeito do conhecimento. Justifico esta pesquisa tanto por sua relevância teórica quanto prática que procuramos ao longo do trabalho demonstrar. Teoricamente, esse trabalho apresenta um estudo no campo da filosofia hermenêutica ricoeuriana, a fim de contribuir com uma perspectiva que se soma a outras propostas comprometidas com o fortalecimento de uma prática filosófica mais reflexiva, crítica e humanizadora. Na prática, propõe um caminho pedagógico que visa enfrentar um dos grandes desafios da educação brasileira: a dificuldade de leitura, interpretação e apropriação crítica de textos, principalmente os filosóficos. Ao inserir o método hermenêutico de leitura e interpretação especialmente por meio da metáfora do “texto vivo” – sendo mais que uma metáfora e sim uma proposta metodológica e existencial – busca se ressaltar a importância da filosofia como instrumento de formação integral do sujeito.

CAPÍTULO 1

O QUE É A HERMENÊUTICA?

1.1 Panorama histórico do desenvolvimento da hermenêutica

A hermenêutica é uma disciplina que se dedica ao estudo da interpretação, especialmente de textos e discursos, buscando seus possíveis significados. Sua história é profunda e abrangente, conectando aspectos filosóficos, teológicos e linguísticos que evoluíram ao longo dos séculos. O termo “hermenêutica” deriva do grego antigo *hermēneuein*, que significa interpretar ou traduzir. Está associado a *hermēneia* (interpretação) e ao deus Hermes na mitologia grega (Abbagnano, 2007, p. 579). Hermes era considerado o mensageiro dos deuses, responsável por transmitir mensagens divinas aos mortais. Seu papel incluía traduzir o que era inacessível ou incompreensível em algo inteligível para os humanos. Assim, Hermes não apenas transportava mensagens, mas também interpretava seus significados, muitas vezes ocultos ou enigmáticos. Essa associação deu à hermenêutica uma conotação inicial de tradução e mediação.

Na cultura grega, o ato de interpretar era fundamental em diversas esferas, incluindo religião, poesia e filosofia. Textos religiosos, como os oráculos, exigiam interpretação cuidadosa para que seus significados simbólicos e muitas vezes ambíguos fossem compreendidos. Esse contexto introduziu a ideia de que a hermenêutica não era apenas um exercício técnico, mas também um ato de compreensão que envolvia criatividade e intuição.

Na filosofia clássica, a hermenêutica começou a ser sistematizada como um campo de estudo. Platão (428 a.C.–347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) foram figuras centrais nesse processo. Platão frequentemente explorou em suas obras a relação entre o significado das palavras e a verdade. Em diálogos como *Crátilo* (2015), ele discutiu como a linguagem pode (ou não) capturar a essência das coisas. Embora Platão reconhecesse a importância da interpretação, ele também destacou suas limitações, sugerindo que a verdade última está além das palavras e requer um nível mais elevado de compreensão intelectual.

Aristóteles, por sua vez, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da hermenêutica em sua obra *Da Interpretação* (2005). Ele analisou como a linguagem expressa o pensamento humano e como os enunciados podem ser verdadeiros ou falsos. Aristóteles estabeleceu uma base para o estudo da interpretação que influenciaria gerações futuras, destacando a relação entre linguagem, lógica e significado.

Com o advento do Cristianismo, a hermenêutica assumiu um papel crucial na interpretação das Escrituras bíblicas. A Bíblia, composta por textos com significados profundos, simbólicos e muitas vezes alegóricos, exigia técnicas de interpretação que ajudassem a revelar seu verdadeiro significado. Santo Agostinho (354–430), um dos maiores pensadores da Patrística, foi pioneiro na hermenêutica cristã. Ele acreditava que a interpretação da Bíblia deveria ser guiada pela fé, mas também pelo uso da razão e do contexto histórico. Em sua obra *Sobre a Doutrina Cristã*, Agostinho apresentou princípios hermenêuticos que orientavam como ler e entender as Escrituras, distinguindo entre o sentido literal e o alegórico. (Reale, 2023)

Durante a Escolástica, na Idade Média, teólogos como Tomás de Aquino (1225–1274) continuaram esse trabalho, buscando harmonizar a interpretação cristã com a filosofia de Aristóteles. A hermenêutica nessa época era vista como uma ferramenta para interpretar a revelação divina e defender a teologia cristã. (Reale, 2023)

No século XVI, a Reforma Protestante trouxe uma nova abordagem à hermenêutica. Reformadores como Martinho Lutero (1483–1546) e João Calvino (1509–1564) rejeitaram a autoridade exclusiva da Igreja Católica Romana na interpretação das Escrituras, enfatizando o direito e a responsabilidade de cada indivíduo de interpretar a Bíblia por si mesmo, inaugurando, assim, a exegese teológica individual. (Reale, 2023)

Essa mudança levou ao desenvolvimento de métodos hermenêuticos mais rigorosos e sistemáticos, que buscavam garantir a clareza e a precisão na interpretação dos textos sagrados. Lutero, em particular, destacou a importância de retornar ao sentido original dos textos bíblicos, estudando-os em seus idiomas originais (hebraico e grego) e considerando seus contextos históricos.

No século XVIII, com o Iluminismo e a origem das ciências humanas, a hermenêutica expandiu-se além da teologia e passou a abranger toda forma de expressão da cultura. Friedrich Schleiermacher (1768-1834) é frequentemente considerado o precursor da hermenêutica filosófica, pois foi o primeiro teórico a sistematizar a hermenêutica como um método universal de compreensão, não restrito a textos sagrados. Ele propôs que interpretar um texto exige dois movimentos complementares: a análise gramatical, que examina a linguagem e a estrutura do texto, e a intuição psicológica, que busca compreender a intenção do autor. Para Schleiermacher (1990), compreender um texto é entrar em um processo de reconstrução criativa, onde o intérprete procura entender o pensamento do autor melhor do que o próprio autor. (Gondin, 2012)

Um dos conceitos centrais em sua proposta é o círculo hermenêutico. Esse círculo pode ser compreendido como o movimento constante entre o todo e as partes de um texto. Em outras palavras, só conseguimos entender o todo de uma obra se compreendermos suas partes (parágrafos, frases, palavras), mas só compreendemos as partes se tivermos alguma ideia do todo. Esse movimento não é um círculo vicioso, mas sim um processo dinâmico de aprofundamento: à medida que voltamos repetidamente ao texto, vamos refinando nossa interpretação, ampliando o horizonte de sentido. Schleiermacher defendia que esse movimento era essencial para a verdadeira compreensão e que cada leitura é uma nova tentativa de alcançar o sentido profundo do texto.

Além disso, Schleiermacher introduziu uma dimensão mais humana na hermenêutica: compreender é também compreender o outro, entrar em seu universo linguístico, histórico e existencial. Por isso, ele via a hermenêutica não apenas como técnica, mas como uma arte – a arte de interpretar – que exige empatia em relação ao outro. Sua contribuição lançou as bases para o desenvolvimento posterior da hermenêutica filosófica, especialmente em Wilhelm Dilthey.

Wilhelm Dilthey (1833-1911) deu continuidade a esse legado, posicionando a hermenêutica como o método central das ciências humanas. Ele argumentou que, enquanto as ciências naturais buscam explicar (*Erklärung*) fenômenos por meio de leis causais, as ciências humanas buscam compreendê-los (*Verstehen*), valorizando a riqueza da experiência vivida (*Erlebnis*), a historicidade e a singularidade de cada manifestação humana. Para Dilthey (2010), compreender textos, ações, instituições ou obras de arte é penetrar no sentido das expressões da vida situando-as em seu contexto histórico. (Grondin, 2012)

Dilthey rejeita a aplicação de métodos das ciências da natureza às ciências humanas, pois acredita que os seres humanos são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos de sua própria experiência. Isso exige uma abordagem interpretativa que não apenas observe de fora, mas que busque reconstituir por dentro o mundo vivido do outro. Assim, ele propõe uma hermenêutica como teoria geral da compreensão e do processo interpretativo, elevando-a ao status de fundamento metodológico para todas as disciplinas que lidam com as produções culturais da humanidade. Sua proposta inaugura uma compreensão mais profunda da cultura como campo de sentido a ser interpretado pelo espírito. (Grondin, 2012), ou seja, pela consciência reflexiva. Isso significa que as produções culturais — como os textos, as narrativas, as práticas sociais e as expressões simbólicas — não carregam um sentido único e fixo, mas dependem da interpretação do

sujeito para se tornarem compreensíveis. Nesse sentido, interpretar é um gesto de escuta e mediação, em que o pensamento busca compreender aquilo que a cultura expressa, revelando suas camadas de sentido.

No século XX, a hermenêutica foi transformada radicalmente por Martin Heidegger (1889-1976) e, posteriormente, por seu discípulo Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Heidegger desloca a hermenêutica do campo metodológico das ciências humanas para o plano ontológico da existência. Em sua obra *Ser e Tempo* (1927/2012), ele redefine a hermenêutica – enquanto condição compreensiva – como uma estrutura do próprio ser humano, afirmando que compreender é uma forma fundamental de ser. Para Heidegger, o ser humano (ou *Dasein*: “ser-aí”) é lançado no mundo já interpretando, vivendo em um constante processo de compreensão. Com Heidegger a hermenêutica passou por uma transformação profunda, deixando de ser apenas um método técnico de interpretação de textos ou ciências interpretativas para se tornar uma forma autônoma de filosofia. A hermenêutica deixa de ter como objeto os textos e passa a concentrar-se na própria existência humana, marcando uma virada existencial. Além disso, abandona sua vocação normativa e metodológica, assumindo um papel fenomenológico, ou seja, voltado à experiência do ser no mundo. Essa mudança de estatuto faz da hermenêutica não apenas uma teoria da interpretação, mas a própria experiência filosófica de interpretar — uma prática inseparável do pensar filosófico. (Grondin, 2012, p.38)

Hans-Georg Gadamer, por sua vez, aprofunda essa perspectiva e a atualiza no campo da filosofia, especialmente em sua obra *Verdade e Método* (1960/2008). Para Gadamer, a linguagem é o meio por excelência da experiência hermenêutica. É por meio dela que o sentido se revela, que o passado dialoga com o presente e que o intérprete se abre à alteridade do texto ou do outro. Gadamer introduz o conceito de fusão de horizontes (*Horizontverschmelzung*), que designa o encontro entre o horizonte de compreensão do intérprete e o horizonte histórico do texto ou do fenômeno interpretado. Esse encontro não é neutro, mas se dá num jogo de perguntas e respostas, onde o sentido emerge no próprio processo do diálogo. (Grodin, 2012, p. 62-71)

Nessa perspectiva, a compreensão não é reprodução, mas recriação viva do sentido, sempre situada, aberta ao inacabamento e à alteridade. A hermenêutica torna-se, assim, uma forma de pensar que se funda na escuta, na temporalidade e na historicidade da experiência humana. Gadamer propõe uma filosofia que não oferece respostas definitivas, mas que convida ao diálogo constante com a tradição.

Em resumo, com Schleiermacher, a hermenêutica ganha um estatuto universal: toda compreensão humana se dá em um movimento entre o texto e o intérprete, exigindo tanto rigor estrutural (análise) quanto empatia criadora (intuição). Dilthey amplia esse caminho ao considerar a hermenêutica como método das ciências humanas, centrada na historicidade da compreensão. Heidegger e Gadamer, por sua vez, superam a ideia de método e colocam a hermenêutica como ontologia existencial, isto é, a condição compreensiva da existência como um acontecimento interpretativo que opera uma fusão de horizontes que se dá no diálogo entre tradição e atualidade. (Grondin, 2012)

A partir desses pensadores, entendemos que interpretar é participar de um processo de sentido que jamais está dado de antemão, mas que se constrói na constante investigação em busca de significados. Na filosofia, isso se traduz não apenas na leitura de textos, mas no modo como nos colocamos diante do mundo: como sujeitos que buscam, que perguntam, que reinterpretem.

1.2 A inserção de Ricoeur na tradição da filosofia hermenêutica

É justamente a partir dessa herança hermenêutica que Paul Ricoeur (1913–2005) propõe um novo horizonte de reflexão. Reconhecendo as contribuições de Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer, Ricoeur amplia a hermenêutica ao integrá-la não apenas à fenomenologia, mas também à psicanálise e à filosofia analítica da linguagem. Em seu pensamento, a hermenêutica deixa de ser apenas uma metodologia textual para se tornar uma filosofia da interpretação da existência humana, especialmente marcada pela linguagem simbólica, pela ação e pela narrativa.

Trabalhando com a fenomenologia de Edmund Husserl (1859–1938), Ricoeur se depara com o desafio da compreensão existencial e por isso “enxerta” a hermenêutica em sua filosofia, colaborando com a busca de um sentido não mais mediante, exclusivamente, a consciência fenomenológica, mas com o enriquecimento teórico situado da interpretação simbólica. Da fenomenologia husserliana à psicanálise de Sigmund Freud (1856–1939), Ricoeur formula uma “hermenêutica da suspeita” para encarar os símbolos sintomáticos da cultura, como a arte, a religião e a moral. Entre as inúmeras relações de Ricoeur diante da filosofia da linguagem, uma delas se acentua: sua articulação com a teoria analítica dos atos de fala (Ricoeur, 2019).

Assim, compreendendo a evolução da hermenêutica até a sua ampla abertura no pensamento ricoeuriano, desde suas origens na cultura grega até a sua reformulação na filosofia contemporânea, vê-se que esta revelou-se não apenas como uma técnica de

interpretação textual, mas sim como um modo de compreender o ser humano em sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. No oráculo grego, no diálogo socrático, nas análises de Aristóteles, na exegese bíblica, na crítica iluminista, nas ciências humanas ou na ontologia existencial, a tarefa da hermenêutica sempre esteve ligada à busca de sentido — sentido este que não se apresenta de forma imediata, mas que precisa ser desvelado no entrelaçamento da linguagem, da história e da experiência.

É nessa perspectiva histórica e filosófica que também se insere a hermenêutica jurídica, dimensão fundamental da interpretação que extrapola a simples leitura literal da norma legal. Segundo Cavalcante e Oliveira, “a hermenêutica tem por finalidade possibilitar ao estranho, algo familiar, pois sua tarefa é tornar o que está distante, próximo” (2014, p. 1). No âmbito jurídico, a hermenêutica busca interpretar não apenas o texto da lei, mas os sentidos mais profundos que estão por trás de sua criação, considerando seu contexto histórico, social e político. A norma jurídica, portanto, não é um dado fixo, mas uma construção realizada pelo intérprete, com base nos textos legais e nos métodos interpretativos disponíveis, como os métodos histórico, gramatical e sociológico.

A hermenêutica jurídica, nesse sentido, se apresenta como uma prática interpretativa voltada a compreender os princípios e institutos legais. Ao reconhecer que não há um “espírito” da lei dado previamente, mas sim a vontade histórica de legislar em determinado tempo e contexto, o intérprete assume a responsabilidade ética de atualizar e aplicar a norma conforme as exigências do presente. Dessa forma, a hermenêutica jurídica caminha ao lado da hermenêutica filosófica e educacional como uma forma de compreensão crítica e comprometida com a vida em sociedade.

Portanto, a hermenêutica é mais do que uma teoria: é uma atitude filosófica diante da vida, constituindo-se como uma forma de existir que reconhece a complexidade da linguagem. É nesse espírito que se abre espaço para o pensamento ricoeuriano, cuja hermenêutica busca integrar distanciamento e apropriação, crítica e reconstrução, texto e ação. Com Paul Ricoeur, a hermenêutica não será apenas uma ponte entre texto e leitor, mas um caminho ético e narrativo para compreender o ser humano em sua profundidade temporal (Ricoeur, 2010a, p. 423).

CAPÍTULO 2 A FILOSOFIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

2.1 Breve percurso biográfico de Paul Ricoeur

Paul Ricoeur (1913–2005) foi um dos mais influentes filósofos do século XX, com contribuições marcantes nos campos da hermenêutica, da ética e da teoria narrativa. Sua trajetória intelectual foi profundamente marcada por uma infância de perdas e silêncios. Sua mãe faleceu pouco tempo após seu nascimento e seu pai, professor de inglês, morreu na Primeira Guerra Mundial, na frente de batalha de Marne, em 1915. Apenas anos mais tarde, em 1932, seu corpo foi identificado em um campo de guerra. Ricoeur cresceu, portanto, sem conhecer seus pais, sendo criado pelos avós paternos e por uma tia. Em 1935, enfrentou ainda a dor da morte de sua única irmã, Alice, vitimada pela tuberculose aos 21 anos. Apesar dessas tragédias, destacou-se como estudante e descobriu sua vocação filosófica no Liceu de Rennes, onde a influência do professor Roland Dalbiez despertou nele o gosto pela leitura e pelo pensamento filosófico (Grondin, 2015, p. 16).

Na universidade, inserido na tradição reflexiva francesa¹, Ricoeur passou a conhecer os escritos de Jean Nabert (1881–1960) e a fenomenologia de Edmund Husserl. Ambos exerceram considerável influência em seus trabalhos, ainda que o filósofo manifestasse algumas reservas quanto à abordagem husserliana em suas obras. Durante a década de 1930, sua trajetória acadêmica e pessoal foi enriquecida pelo contato com Gabriel Marcel (1889–1973), que não só cultivou um relacionamento duradouro com ele, mas também o introduziu às ideias de Karl Jaspers (1883–1969). Para Grondin, esses dois encontros contribuíram para que o pensamento de Ricoeur se inserisse na tradição reflexiva francesa, permeada por referências a pensadores como Maine de Biran (1766–1824), Raivaisson (1813–1900), Lachelier (1832–1918) e Nabert, além de encontrar continuidade no personalismo de Emmanuel Mounier (1905–1950) e no existencialismo de Marcel e Jaspers (*Idem*, p. 11).

Entre 1940 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, Ricoeur foi capturado pelo exército alemão e passou cinco anos como prisioneiro de guerra, no campo de concentração na Polônia. Esse período, embora repleto de privações e desafios, foi transformado por ele em um espaço de produção intelectual, no qual aprofundou seus

¹ A filosofia reflexiva foi uma corrente de pensamento francesa que remonta a Maine de Biran (1766–1824), pensador que enfatizava a reflexão como “faculdade mediante a qual o espírito percebe, num grupo de sensações ou numa combinação qualquer de fenômenos, as relações comuns de todos os elementos com uma unidade fundamental” (Mora, 2001, p. 2484), englobando a percepção racional e a vontade subjetiva.

estudos filosóficos, especialmente na fenomenologia, traduzindo uma das obras fundamentais de Husserl: *Ideias diretrizes para uma fenomenologia pura* (1913). Em 1947, juntamente com Mikel Dufrenne (1910–1955), publicou seu primeiro livro, *Karl Jaspers e a filosofia da existência*, iniciando, assim, uma prolífica carreira literária que viria a incluir obras de grande relevância, entre elas, em ordem cronológica de publicação: *A Filosofia da Vontade* (1950–1960), *História e Verdade* (1964), *Da Interpretação – ensaio sobre Freud* (1965), *O Conflito das Interpretações* (1969), *A Metáfora Viva* (1975), *Tempo e Narrativa* (três volumes, 1983–1985), *Do Texto à Ação* (1986), *O si-mesmo com outro* (1990), *A Memória, a História, o Esquecimento* (2000) e *Percurso do Reconhecimento* (2004). (Grondin, 2015).

Ricoeur atuou em diversas instituições acadêmicas de prestígio, lecionando na Universidade de Estrasburgo (1948–1957), na Sorbonne (1957–1964) e, com destaque, na Universidade de Chicago, onde iniciou na década de 70 e permaneceu até 1981. Diante de uma vasta experiência docente, esse filósofo experimentou, igualmente, diversas tragédias pessoais. Segundo Grondin, Ricoeur enfrentou “a trágica perda de seu filho Olivier, que se suicidou em 1986 durante uma conferência em Praga, e posteriormente a morte de sua esposa, em janeiro de 1997.” (*Ibid.*, p. 20). Esses eventos contribuíram para o aprofundamento dos temas centrais do livro *O si-mesmo como outro* (1990/2014), como sofrimento, identidade e alteridade, e acabaram prolongando o tempo de sua finalização. A experiência pessoal se integrou à reflexão filosófica, revelando uma obra em que vida e pensamento não se separam. Em 2005, o filósofo faleceu, deixando um importante legado para a filosofia contemporânea.

A biografia de Ricoeur, longe de ser um mero registro histórico, constitui um elemento essencial para compreender a gênese de suas ideias e sua abordagem hermenêutica. Ele enfatizava que interpretar um texto requer a consideração de seu autor, do contexto em que foi produzido e das motivações subjacentes à sua criação, postulando que a compreensão verdadeira de um pensamento filosófico emerge a partir do reconhecimento de que toda produção de sentido está inserida numa rede de relações históricas, culturais e existenciais.

As experiências pessoais de Paul Ricoeur — entre elas, os anos de prisão durante a Segunda Guerra Mundial, suas perdas familiares e os longos períodos de silêncio e estudo — marcaram profundamente sua forma de pensar e escrever. Essas vivências intensas não o afastaram da filosofia, mas o aproximaram ainda mais de uma busca rigorosa por sentido. Influenciado pela fenomenologia, Ricoeur desenvolveu uma

hermenêutica que não se contenta com interpretações imediatas: é preciso desconfiar, interrogar, voltar ao texto, reconstruir o caminho do entendimento.

A complexidade de sua obra, que dialoga com Husserl, Freud, Gadamer e outros, demanda uma compreensão profunda de diversas tradições filosóficas, exigindo do intérprete a capacidade de transitar entre níveis abstratos de análise e questões concretas da existência humana. Esse desafio teórico, embora exigente, é fundamental para a aplicação prática de suas ideias, sobretudo no campo da filosofia, onde sua hermenêutica propõe um caminho de transmissão de conhecimentos em um processo de diálogo e reconstrução crítica.

2.2 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur

No pensamento de Paul Ricoeur, a hermenêutica se apresenta não apenas como um método de interpretação textual, mas como uma verdadeira filosofia da escuta, do sentido e da condição humana. Sua abordagem não se limita à exegese tradicional ou à busca por significados ocultos em textos sagrados ou jurídicos, como era comum em suas origens teológicas e filológicas. Ao contrário, Ricoeur a amplia e a ressignifica como um modo de compreender o ser humano em sua finitude, historicidade e capacidade de agir. A hermenêutica, em seu horizonte filosófico, se torna uma escuta refletida das narrativas que atravessam a experiência humana e orientam a busca por sentido.

Ricoeur parte dessa consciência fenomenológica para desenvolver sua hermenêutica: interpretar é sempre interpretar *algo* que aparece para *alguém*. E esse “algo” — um texto, uma obra, uma ação — só ganha pleno sentido quando inserido em seu contexto de origem, incluindo aí o autor, suas intenções, suas circunstâncias e os horizontes culturais nos quais ele viveu. Desse modo, Ricoeur concebe a filosofia como escuta atenta do vivido e do dito. A hermenêutica ricoeuriana recusa qualquer compreensão que se limite à superfície das palavras; ela busca o sentido profundo, que só se revela quando o intérprete considera as redes históricas e existenciais nas quais um texto está imerso.

Como observa François Dosse (2017), Ricoeur não separa vida e pensamento. Toda criação de sentido nasce de um solo existencial, e esse solo precisa ser acolhido pelo intérprete. É por isso que sua filosofia é, antes de tudo, uma filosofia do diálogo, da escuta e da abertura. E é também por isso que ele defende que as ciências humanas — como a história, a psicanálise e a linguística — não devem ser descartadas, mas sim ouvidas e integradas ao esforço filosófico de compreender o ser humano.

Com base em sua formação fenomenológica, Ricoeur entende que a realidade humana não se apresenta de forma direta ou absoluta ela se dá na forma de significados mediados, com explica Grondin, 2015, p. 28 [...] “A intuição hermenêutica de base permanecerá, todavia, constante; a via régia do conhecimento de si não é a da introspecção, mas a da interpretação, dos signos, dos símbolos e das narrativas em que se narra nosso desejo de viver. E é precisamente essa condição que torna a hermenêutica indispensável. Não há acesso puro à verdade das coisas humanas; há aproximação, interpretação, compreensão. Por isso, para Ricoeur, o ato de compreender é também um gesto ético, um exercício de hospitalidade ao outro.

Munido de uma consciência aguda da finitude — traço marcante entre os pensadores do século XX — Ricoeur entende que o inacabamento é o fim de todas as possibilidades da existência humana. Nenhuma iniciativa humana deve ser descartada como inautêntica, pois todas participam, em alguma medida, da construção de sentido e da configuração do mundo vivido. Nesse espírito, sua filosofia se estrutura como uma abertura ao diálogo, à pluralidade e à esperança, recusando dogmatismos e propondo um pensamento vivo e confrontacional, atento ao inédito que brota da ação e da linguagem.

Ricoeur compreende a hermenêutica como uma filosofia da escuta, o que significa reconhecer que a compreensão do mundo passa, antes de tudo, por uma escuta atenta dos textos, das vozes e dos contextos que nos atravessam. Embora não tenha sido o único a seguir esse caminho — Gadamer, por exemplo, também desempenhou um papel central nessa ampliação do conceito —, é inegável que a hermenêutica ocupa um lugar de destaque em sua trajetória intelectual. A partir de pensadores como Dilthey e Heidegger, o conceito foi aprofundado e passou a designar uma condição interpretativa da existência humana, na qual todo ser está imerso em significados que precisam ser compreendidos. É nesse contexto que Grondin afirma:

A questão crucial da hermenêutica se torna então, para um autor como Heidegger, a de saber como podemos nos compreender a nós mesmos, isto é, como podemos nos libertar das concepções inautênticas de nossa existência a fim de sermos autenticamente nós mesmos. Ricoeur foi marcado por essa ampliação do sentido da hermenêutica (para a qual ele mesmo contribuiu), notadamente por sua extensão no sentido da ética, mas ele considera que Heidegger trabalha um pouco depressa demais quando se propõe elaborar uma hermenêutica de nossa existência que se quer tão originária a ponto de dispensar todas as disciplinas que praticam a arte da interpretação da realidade humana; a história, a exegese, a ciência comparada das religiões, a psicanálise e as ciências da linguagem. Estes saberes não teriam algo a nos dizer, se

pergunta Ricoeur, sobre o que é a interpretação e sua consequência sobre a realidade humana? Ricoeur, se coloca, assim, à escuta do que essas disciplinas têm a ensinar à filosofia, pois uma filosofia que se desliga das ciências fica, segundo ele, estéril. (*Idem*, p. 13–15).

Portanto, a hermenêutica ricoeuriana não visa uma “interpretação direta” e absoluta da realidade, mas propõe um caminho mediado, um longo desvio hermenêutico. O ser humano, para Ricoeur, é aquele que “pode” interpretar o mundo, os textos e a si mesmo. Interpretar é buscar o sentido do fenômeno. Investigar essa capacidade interpretativa será uma das direções fundamentais de sua filosofia.

Para o filósofo francês, compreender o ser humano é como ler um texto: não basta olhar as palavras na superfície, é preciso escutar o que elas dizem no silêncio entre as linhas. O ser humano não é uma equação a ser resolvida, mas um mistério a ser interpretado. É por isso que ele defende que o mundo é como um “texto a ser lido” (Ricoeur, 2010c, p. 269) e nós somos leitores e escritores desse texto todos os dias. A linguagem, nesse cenário, deixa de ser apenas um instrumento para transmitir mensagens e passa a ser o lugar onde o mundo ganha sentido. Cada palavra, cada gesto, cada símbolo, abre janelas para múltiplos significados.

Ricoeur propõe em *Teoria da Interpretação* (2019, p. 120), que o processo de interpretação siga dois grandes movimentos: 1º) explicar: analisando com atenção os elementos do texto, como sua estrutura, seus termos, suas relações internas; 2º) compreender: adentrar no universo do texto, ligá-lo ao mundo da vida, aos sentimentos, às intenções e aos contextos humanos. Essa dialética entre explicar e compreender forma o que Ricoeur chama de “círculo hermenêutico”, uma dinâmica que nunca se fecha por completo, pois o sentido sempre se renova conforme dialogamos com o texto.

Além disso, a narrativa como forma de compreender a vida é um dos conceitos centrais para entender a filosofia hermenêutica de Ricoeur. Em sua obra *Tempo e Narrativa*, publicada em três volumes², ele nos dá a ideia de que, assim como os contos e romances organizam os eventos em uma história, nós também organizamos nossa vida em forma de narrativa. Isso quer dizer que o tempo da vida não é apenas uma sequência de relógio — manhã, tarde, noite —, mas uma sucessão de acontecimentos que ganham sentido à medida que os contamos e os compreendemos. Essa forma de organizar o tempo é o que ele chama de “tempo narrado” (2010c, p. 184).

² Os três volumes da obra serão referenciados do seguinte modo: vol.1: 2010a, vol. 2: 2010b, vol. 3: 2010c.

Assim, viver é narrar-se. Somos autores da nossa história, mesmo quando não controlamos tudo que nos acontece. Ao contar o que vivemos, ao lembrar, ao explicar ou ao imaginar, estamos continuamente interpretando quem somos. Isso é o que Ricoeur chama de *identidade narrativa*: aquilo que somos é moldado pelas histórias que contamos sobre nós mesmos.

No segundo volume de *Tempo e Narrativa* (2010b), Ricoeur explica que a narrativa liga o tempo da experiência, o modo como o vivemos, ao tempo do relato, o modo como o contamos. Para isso, ele apresenta três níveis que chama de *mímesis*: *Mímesis I* - Pré-configuração: é o mundo antes da história ser contada. São os acontecimentos, os valores, os conflitos que ainda não ganharam forma de narrativa. *Mímesis II* - Configuração: é quando organizamos esses elementos numa história — com começo, meio e fim. Aqui entra a trama, ou *intriga*, que dá sentido aos fatos. *Mímesis III* - Reconfiguração: é o encontro do leitor com a história. Ao ler ou escutar, reinterpretemos o que foi contado e transformamos a nossa maneira de ver o mundo e a nós mesmos.

Outro conceito importante na filosofia de Ricoeur é o de símbolo (Ricoeur, 2019, p. 74). Para ele, o símbolo carrega um sentido profundo que não se esgota em uma explicação literal. Por exemplo, quando falamos da “luz” como símbolo da verdade, não estamos nos referindo apenas à luz física, mas a algo maior: à clareza, à sabedoria, à revelação. A noção de metáfora, por sua vez, também desempenha papel central, pois permite a criação de novos significados ao deslocar palavras de seu uso comum, produzindo sentidos inesperados. Assim, tanto o símbolo quanto a metáfora, são formas de linguagem que revelam dimensões que nos conectam a verdades que ultrapassam o dizer direto.

Por fim, entendemos que Ricoeur vê na linguagem o grande espaço da compreensão humana. O que nos diferencia dos demais seres vivos é essa capacidade de dar sentido às coisas por meio da palavra. A linguagem não apenas expressa ideias, ela cria mundos possíveis, convoca memórias, imagina futuros e reconstrói passados. E é dentro desse campo da linguagem que a hermenêutica se instala como o esforço contínuo de escutar, interpretar, reelaborar e compreender o sentido que brota da vida vivida e contada. Filosofar é perguntar, escutar e interpretar. No ensino de filosofia, essa tríade assume um papel fundamental, especialmente quando atravessada pela filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur. Mais do que um simples método de leitura, sua hermenêutica é uma atitude diante do mundo, pois ela reconhece que toda compreensão é mediada pela linguagem. Nesse horizonte, ensinar filosofia à luz de Ricoeur não é

transmitir verdades fixas, mas sim convidar o estudante a interpretar o texto da realidade e a si mesmo como quem caminha por entre vozes, histórias e sentidos possíveis.

Ao contrário de abordagens que reduzem o conhecimento a dados objetivos ou verdades absolutas, a hermenêutica ricoeuriana entende que o ser humano está sempre imerso em um mundo interpretado. Isso faz da filosofia uma prática viva, que exige abertura ao outro, escuta ativa e capacidade de reconhecer que o conhecimento nasce de múltiplas vozes, como a ciência, a história, a arte e a religião. Nesse sentido, Ricoeur rejeita a ideia de uma “filosofia direta” da existência humana. Para ele, interpretar o homem e o mundo exige acolher o que os diversos campos do saber têm a dizer sobre o sentido da experiência. No entanto, por mais que haja um conflito de interpretações, há interpretações significativas mais próximas da realidade do que outras.

É nesse ponto que a hermenêutica se revela não apenas como método, mas como atitude pedagógica essencial. Ela convida professor e estudante a desconfiarem das interpretações prontas, a revisitarem narrativas já ouvidas e a suspeitarem dos discursos fechados. Assim, aprender filosofia torna-se um exercício de escuta reflexiva e crítica. Não basta ler Platão ou Heidegger: é preciso entender de onde vêm essas ideias, por que elas fazem sentido e como se transformam quando lidas a partir de diferentes enfoques.

Conforme apontamos, Ricoeur considera que a filosofia não pode se isolar das ciências humanas. Ela deve dialogar com áreas como a história, a teologia, a linguística e a psicanálise, porque todas essas disciplinas carregam interpretações da condição humana. Ao insistir que uma filosofia que se afasta dessas ciências corre o risco de se tornar estéril, Ricoeur, afirma sua aposta em uma hermenêutica que se constrói na escuta das diferentes formas pelas quais o humano se expressa e se interpreta.

Esse posicionamento é especialmente relevante quando se pensa no ensino de filosofia nas escolas. Em tempos marcados por discursos simplificadores, polarizações e crises de sentido, educar filosoficamente à luz de Ricoeur é oferecer ao estudante uma ferramenta crítica para navegar nesse emaranhado de interpretações. A hermenêutica, nesse contexto, funciona como uma bússola: não aponta um único caminho, mas ajuda a perceber que há sempre mais de um sentido em jogo, que toda leitura pode ser relida e que compreender é, acima de tudo, um ato de responsabilidade e cuidado com o outro e com o mundo. O legado de Paul Ricoeur transcende a mera acumulação de obras e se revela como um convite à reflexão, ao diálogo e à integração de áreas. Sua trajetória, marcada por profundas experiências pessoais e por um compromisso inabalável com a busca do sentido, configura-se como um exemplo paradigmático de como a vida e o

pensamento podem se entrelaçar para promover uma compreensão mais rica e humanizada do mundo. Essa dialética entre a vivência pessoal e a produção intelectual faz do pensamento de Ricoeur um terreno fértil para pesquisas na área da educação, especialmente na formação crítica e reflexiva de alunos.

CAPÍTULO 3

A FILOSOFIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR E O ENSINO DE FILOSOFIA

3.1 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a filosofia

Desde os tempos antigos, a filosofia tem causado certo incômodo na sociedade. Seu objetivo não é simplesmente perturbar, mas provocar reflexões, questionar verdades tidas como absolutas e despertar a consciência crítica. Um exemplo marcante disso é Sócrates, pensador da Grécia Antiga, que acreditava que uma vida sem reflexão não merecia ser vivida (Platão, 2003, p. 26 [38a]). Para ele, era essencial examinar a própria existência mediante a indagação de problemas e a construção do diálogo. No entanto, essa postura questionadora nem sempre agrada a todos. Muitas pessoas se sentem confortáveis com as certezas que conhecem e resistem a mudanças. Sócrates foi condenado não por um crime comum, mas por incentivar os jovens a questionarem, analisarem a realidade e pensarem de forma crítica e independente.

Na Idade Média, a filosofia foi colocada sob o signo da fé. Seu desenvolvimento se deu, em grande parte, dentro dos limites da teologia. Pensadores como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino buscaram conciliar fé e razão, demonstrando que a reflexão filosófica poderia, ao menos em parte, estar a serviço das verdades divinas. Mas, ainda assim, havia um limite para o pensamento crítico: a razão era válida enquanto confirmasse os dogmas, fazendo com que a autonomia do pensamento fosse vigiada. O ensino de filosofia nesse período foi rico em lógica e refinamento argumentativo, mas pobre em liberdade crítica plena.

A Modernidade, por sua vez, marca uma virada decisiva: o sujeito passa a ser o centro da reflexão. Com René Descartes (1596-1650), a dúvida metódica tornou-se fundamento da certeza. Com Immanuel Kant (1724-1804), a autonomia do sujeito racional alcançou o estatuto de imperativo (Kant, 2003). A educação filosófica, nesse novo contexto, deveria formar sujeitos autônomos, capazes de pensar por si. No entanto, esse mesmo avanço trouxe desafios. A filosofia tornou-se mais abstrata, complexa e distante da experiência comum.

No mundo contemporâneo, cada vez mais técnico, utilitário e voltado à eficácia, pensar por pensar sem um fim prático imediato passou a ser visto como perda de tempo. Assim, a crise da filosofia no ensino se intensificou.

Em diversos momentos da história, especialmente na modernidade, a filosofia passou a ser tratada como uma disciplina excessivamente técnica, abstrata e, por vezes,

descolada das experiências concretas da vida. Como aponta Marilena Chauí (2000), em uma sociedade marcada pela busca da eficiência, pensar de forma profunda, sem uma finalidade prática imediata, passou a ser visto como algo inútil. Essa postura contribuiu para o enfraquecimento do ensino de filosofia nas escolas, reduzida muitas vezes à memorização de datas e conceitos, sem ligação com a realidade vivida pelos estudantes.

É neste cenário que a filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur oferece uma contribuição ímpar. Para Ricoeur, compreender não é apenas decodificar uma mensagem, mas interpretar um sentido que se desvela progressivamente, na medida em que o sujeito se engaja num processo de leitura que é também autoleitura. Podemos dizer que a interpretação é o trabalho do pensamento sobre o sentido, pois ela exige do leitor não apenas uma leitura passiva, mas uma atividade reflexiva e imaginativa que permita adentrar o universo de significações proposto pelo texto, buscando incessantemente seu sentido. Ricoeur inaugura, assim, uma perspectiva de leitura existencial e interpretação pessoal. Conforme seu entendimento:

O sentido de um texto não está por detrás do texto, mas a sua frente. Não é algo de oculto, mas algo descoberto. O que importa compreender não é a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível, graças à referência não ostensiva do texto. A compreensão tem menos do que nunca a ver com o autor e a sua situação. Procura apreender as posições de mundo descortinadas pela referência do texto. Compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que fala. (Ricoeur, 2019, p. 122-123).

Compreender um texto, portanto, é inserir-se no mundo que o texto abre, orientando-se nele de forma criativa e transformadora. Na educação em filosofia, esse entendimento é essencial, pois ensina o estudante a pensar para além do imediato e afastar-se das superficialidades, interpretando textos e discursos com profundidade e construindo, por meio da linguagem imaginativa, novas possibilidades de existência e convivência no mundo com e para os outros. Isso transforma o ato de ler e o trabalho de interpretar em um exercício eticamente responsável e substancialmente formativo, pois é fundamental para a autonomia intelectual e a liberdade individual do pensamento filosófico.

3.2 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a educação

3.2.1 O processo da interpretação na filosofia ricoeuriana

Paul Ricoeur elabora os conceitos de “distância” e “apropriação” para descrever o processo pelo qual interpretamos textos e descobrimos o sentido deles. Esses conceitos são fundamentais para sua hermenêutica porque mostram que a interpretação não é um ato mecânico, mas um movimento dialético entre o texto e o leitor.

Quando um autor escreve um texto, ele inicialmente tem uma intenção específica. No entanto, uma vez que o texto é publicado, ele se separa de seu autor e ganha autonomia. Isso significa que o texto não pode mais ser diretamente explicado pela intenção do autor, pois o que ele quis dizer originalmente pode não ser totalmente recuperável. O texto passa a ter uma existência própria, aberta a múltiplas interpretações. Sua significação se desloca no tempo e no espaço, podendo ser lida por diferentes pessoas em diferentes contextos históricos e culturais.

Essa “distância hermenêutica” é importante porque impede que a interpretação seja apenas uma tentativa de “ler a mente do autor”, como pensava Schleiermacher. Em vez disso, o texto deve ser compreendido por aquilo que ele diz em si mesmo, independentemente do autor. Se o texto tem autonomia, como ele pode ganhar sentido para o leitor? É aqui que entra o conceito de “apropriação”. Apropriar-se de um texto é fazer dele algo que fala ao nosso próprio horizonte situado de compreensão.

Esse processo ocorre da seguinte maneira: o leitor, ao interpretar um texto, o relê dentro de seu próprio contexto histórico e existencial. O significado do texto não é algo fixo, mas algo que se atualiza à medida que diferentes leitores o interpretam. A apropriação não significa distorcer o texto para encaixá-lo em nossas ideias prévias, mas sim permitir que ele nos transforme. Imagine que um professor de filosofia esteja ensinando *A República* de Platão. Se ele apenas tentasse explicar o que Platão quis dizer para os atenienses do século IV a.C., ficaria preso à distância histórica.

No entanto, ao interpretar aplicando-o ao contexto atual, relacionando-o à democracia contemporânea ou à educação, ele se apropria do sentido e permite que os alunos façam o mesmo. Em vez de limitar-se à explicação histórica, o professor pode escolher caminhos que aproximem aquele texto da vida atual. Por exemplo, ao discutir os trechos em que Platão fala sobre justiça, o professor pode incentivar os alunos a refletirem sobre o que é justiça hoje, em seu bairro, na escola, ou nas decisões políticas do país. Se Platão discute o papel do governante ideal, o professor pode trazer para a conversa como escolhemos nossos representantes hoje, e que tipo de líder desejamos.

Essa forma de trabalhar o texto não nega o passado, mas o liga ao presente. Ajuda os estudantes a perceberem que ler filosofia não é só saber o que um pensador do passado escreveu, mas também descobrir o que esse pensamento ainda pode nos dizer. Assim, cada aluno começa a interpretar por si, a construir sentido, a enxergar o texto como algo vivo, que ainda fala, questiona e transforma. O conteúdo filosófico passa a ser, então, uma oportunidade de pensar o mundo atual, sem fórmulas prontas, mas com espaço para escuta, reflexão e diálogo.

3.2.2 A noção de “texto vivo” da hermenêutica ricoeuriana

A filosofia hermenêutica de Ricoeur ensina que interpretar um texto é um processo de ida e volta: primeiro, reconhecemos a sua distância, entendendo-o como um objeto independente do autor, e, depois, nos apropriamos de seu significado, trazendo-o para nosso próprio horizonte de compreensão. Esse movimento permite que o sentido de um texto permaneça vivo e relevante ao longo do tempo.

No primeiro volume de *Tempo e Narrativa* (2010a), Ricoeur explora como a narrativa organiza a experiência humana do tempo, conectando a estrutura do enredo (intriga) com a forma como compreendemos nossa própria história e identidade. Ele defende que os símbolos e mitos carregam múltiplos significados e que interpretá-los é essencial para entender a cultura e o próprio ser humano. No fundo, a hermenêutica de Ricoeur não busca apenas interpretar textos, mas compreender a vida como um “texto vivo”, onde a interpretação é um ato contínuo de construção do sentido. A noção de “texto vivo” é proveniente da ideia de Ricoeur de que a leitura é um caminho, uma experiência viva, e o texto, algo que atua no mundo:

Quando o leitor submete suas expectativas às que o texto desenvolve, ele irrealiza a si mesmo na mesma proporção da irrealidade do mundo fictício para o qual emigra; a leitura torna-se então um lugar igualmente irreal onde a reflexão faz uma pausa. Em contrapartida, quando o leitor incorpora — consciente ou inconscientemente, pouco importa — os ensinamentos de suas leituras à sua visão de mundo, para aumentar sua legibilidade prévia, a leitura é para ele algo diferente de um lugar onde ele para; a leitura é um meio que ele atravessa. (Ricoeur, 2010c, p. 308)

Neste contexto, o ensino de filosofia como “texto vivo” não é apenas metáfora poética, mas uma proposta metodológica e existencial. O conhecimento pessoal se vitaliza quando o estudante se reconhece como parte do processo, percebendo que compreender determinado texto filosófico é também compreender a si mesmo. Com base

nisso, o ensino de filosofia deve acolher a pluralidade interpretativa, sem cair no relativismo, pois interpretar não significa dizer qualquer coisa, mas sim dizer com responsabilidade. Isso exige uma ética da escuta, da argumentação e da alteridade.

Portanto, o desafio de ensinar filosofia hoje é também o desafio de formar intérpretes, reconectando a filosofia com a experiência humana concreta. Nesse processo, a hermenêutica ricoeuriana oferece não apenas um método, mas uma atitude filosófica, reconhecendo que o conhecimento é um ato interpretativo, que a verdade não se impõe, mas se revela no diálogo, e que ensinar é, no fundo, um gesto ético de hospitalidade.

3.2.3 A noção de “texto vivo” aplicada ao ensino de filosofia

Ao compreendermos os desafios históricos e epistemológicos que atravessam o ensino de filosofia no Brasil, torna-se possível considerar a proposta hermenêutica de Paul Ricoeur como uma alternativa fecunda para ressignificar a presença da filosofia na educação contemporânea. O problema que orientou este trabalho até aqui é: como a hermenêutica ricoeuriana, especialmente articulada às noções de texto, narrativa e identidade, pode contribuir para o ensino de filosofia?

A narrativa ocupa um lugar central no pensamento de Ricoeur. Mais do que descrever fatos em sequência, narrar é organizar simbolicamente a experiência vivida. Etimologicamente, o termo vem do latim *narrare*, derivado de *gnarus*, “aquele que sabe” (Nascente, 1952). Nesse sentido, narrar é uma forma de saber, uma via pela qual o sujeito compreende a si mesmo e o mundo. A narrativa filosófica permite articular o tempo da vida — passado, presente e futuro — de forma compreensível. Para Ricoeur, a identidade pessoal só pode ser apreendida narrativamente. (Ricoeur, 2014, p. 145), pois não há um “eu” fixo e estático, mas uma identidade que se constrói e se transforma no tempo, a partir das histórias que contamos e recontamos sobre nós mesmos aos outros.

Essa concepção de narrativa, quando aplicada ao ensino de filosofia, oferece um recurso formador de grande valor. Desde os diálogos socráticos até as tragédias aristotélicas, a filosofia sempre dialogou com a arte de narrar. A narrativa torna acessível o pensamento abstrato ao vinculá-lo a experiências concretas. Discutir, por exemplo, o conceito de justiça por meio de uma história, seja ela real ou ficcional, estabelece uma ponte entre o conceito e a existência. Gallagher (1992) destaca que a hermenêutica aplicada à educação valoriza justamente essa transição do vivido ao compreendido, afirmando que toda compreensão nasce de um contexto narrado. Essa escuta da experiência permite ao aluno interpretar não apenas textos, mas também a si mesmo.

A noção de “texto vivo”, desenvolvida por Ricoeur, insere-se nesse horizonte. O texto — e por extensão o discurso filosófico — não é uma estrutura fechada, mas algo que se transforma no ato da leitura. Ele ganha vida nova ao ser apropriado por sujeitos históricos, com linguagens e experiências distintas. O sentido não está atrás do texto, mas adiante, na interlocução que se estabelece entre leitor e mundo. Nessa direção, o ensino de filosofia pode se tornar um campo de práticas interpretativas que articulem leitura, escuta e escrita como gestos formadores.

Considerando os caminhos traçados até aqui — em que se discutiu a contribuição da hermenêutica de Paul Ricoeur para o ensino de filosofia e a importância da narrativa como forma de construção do sentido —, torna-se pertinente refletir sobre possibilidades práticas que, mesmo de modo simples, possam traduzir esses conceitos no cotidiano escolar. Não se trata de propor um modelo fechado, mas de pensar caminhos possíveis que favoreçam a escuta, a leitura e a escrita como formas de interpretação filosófica. Nesse contexto, é possível esboçar sugestões que dialogam com a realidade das escolas e que buscam fortalecer o papel do estudante como sujeito ativo no processo de compreensão.

Com base nessa perspectiva, apresentamos, sem a pretensão de esgotamento, sugestões que podem favorecer o diálogo entre hermenêutica e prática educativa, respeitando os limites e possibilidades do cotidiano escolar. Uma dessas propostas é a utilização de um caderno de filosofia como espaço de escrita reflexiva. Ao longo do período letivo, os estudantes seriam incentivados a registrar, após cada aula, suas compreensões, dúvidas e interpretações em torno dos textos lidos e das discussões em sala. Esses registros podem assumir formas variadas: relatos, perguntas abertas, comentários livres, trechos narrativos ou mesmo anotações incompletas. Ao final do percurso, o caderno pode ser organizado como uma obra pessoal, com título e estrutura definidos pelo próprio estudante — uma espécie de filosofia escrita por ele mesmo.

Outras práticas igualmente possíveis incluem a produção de cartas filosóficas entre colegas, rodas de leitura com escuta ativa, diários interpretativos ou pequenas apresentações narrativas. Essas propostas não constituem um método pronto, mas oportunidades para que o aluno se envolva com os textos e se reconheça como intérprete. É importante que o professor ajude o estudante a perceber que, ao escrever, ele não apenas registra informações, mas expressa seu modo singular de habitar o pensamento. Nesse gesto, ele se torna autor de sua leitura do mundo.

Esse modo de ensinar filosofia, contudo, exige tempo, escuta e sensibilidade — exigências muitas vezes contrariadas pelas condições concretas das escolas públicas. A disciplina frequentemente é vista como secundária, comprimida em cargas horárias reduzidas, com poucos recursos e pouco reconhecimento. Muitos professores enfrentam jornadas múltiplas, dividindo-se entre diferentes escolas e realidades adversas. Soma-se a isso o desafio de trabalhar com alunos que, por motivos estruturais, chegam ao ensino médio com sérias dificuldades de leitura e interpretação. Nesse terreno árido, onde faltam materiais, tempo e incentivo, o ensino de filosofia muitas vezes é posto à margem.

No entanto, é justamente nesse contexto que a hermenêutica de Ricoeur oferece uma contribuição valiosa. Sua filosofia não responde com fórmulas prontas, mas convida a um exercício ético de escuta, mediação e construção de sentido. Para Ricoeur, interpretar é um gesto de esperança: é recusar o fechamento e abrir-se ao possível. O professor de filosofia, nesse cenário, pode ser compreendido como aquele que lê o mundo junto com o aluno, que transforma a sala de aula em espaço de palavra, de escuta e de pensamento. Mesmo sem livros, mesmo sem tempo, o ato de perguntar — e de escutar as perguntas dos estudantes — já é, em si, um exercício filosófico.

A hermenêutica nos ensina que entre o leitor e o texto há uma distância, e é nessa distância que a interpretação se faz. Essa ideia de "distância hermenêutica" não é um obstáculo, mas uma condição para o encontro. Ensinar filosofia é, portanto, ensinar a lidar com o que nos é estranho, a pensar com o outro, a dar sentido ao que ainda não foi nomeado. Ricoeur, ao propor a identidade narrativa, oferece ainda um recurso profundo: o sujeito como ser em construção, que se compreende ao narrar a própria trajetória. O aluno, assim, não é apenas receptor de conteúdos, mas agente de uma história que se reconfigura a cada leitura e escrita.

Dessa forma, o ensino de filosofia, sob a inspiração da hermenêutica ricoeuriana, não é mera transmissão de conteúdos, mas um convite à formação de sujeitos capazes de escutar, interpretar e se transformar. O texto filosófico torna-se vivo quando deixa de ser algo distante e passa a dialogar com a existência do aluno. Ao ser lido, relido e reescrito, ele se atualiza, se reinventa, e transforma quem o interpreta. Essa abordagem não promete respostas imediatas às carências estruturais da educação brasileira, mas oferece um horizonte de resistência silenciosa: ensinar a pensar, apesar de tudo.

Considerações finais

Neste trabalho, foi apresentado brevemente a tradição filosófica hermenêutica em três capítulos interligados. No primeiro capítulo, foi apresentado o contexto histórico da hermenêutica, seus fundamentos antigos e seu amadurecimento contemporâneo com autores principais como Gadamer e Ricoeur. O segundo capítulo, destaca o pensamento ricoeuriano, assim como também alguns fatores marcantes em sua vida e sua história pessoal e suas formulações teóricas, que promoveram a articulação entre tempo e narrativa, a mediação simbólica, a identidade narrativa e a concepção de “texto vivo”. No terceiro capítulo, essas ideias são relacionadas ao campo da educação, propondo-se a hermenêutica como um caminho para um ensino fecundo de filosofia, compreendido como prática de leitura, escuta e interpretação do mundo.

O objetivo geral deste trabalho foi apresentar uma alternativa de ensino ao propor que a noção de “texto vivo”, presente na filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, pode ser utilizada como base metodológico-existencial para o ensino de filosofia. Essa noção permite indicar um percurso hermenêutico que se relaciona diretamente com a temática educacional e com o papel do professor como mediador na interpretação de diversos sentidos. Revelou-se especialmente produtiva porque evidencia que tanto a educação quanto a filosofia são campos abertos à interpretação, sempre em movimento, sempre em busca de compreensão.

Conclui-se, portanto, que o ensino de filosofia, à luz da hermenêutica ricoeuriana, não se limita à exposição de sistemas prontos, mas se afirma como uma experiência formativa. A filosofia passa a ser vivida como um processo de interpretação, no qual os alunos são convidados a reconstruir o sentido. Inspirado na ideia de que a verdadeira leitura oferece uma solução, mas deixa ao leitor o desafio de encontrar a pergunta certa, o educador hermenêutico não impõe verdades, mas cultiva o pensamento. Nesse cenário, o ensino de filosofia torna-se um espaço onde narrativa e sentido se entrelaçam, transformando o texto da vida em um caminho para a compreensão de si, do outro e do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Da Interpretação**. In: ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução: Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005.

CAVALCANTE, Andreia; DE OLIVEIRA, Ariane Fernandes. O QUE É HERMENÊUTICA? **JICEX**, v. 3, n. 3, 2014. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/589>. Acesso em: 08 mai. 2025. p. 1-2.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DILTHEY, W. O Surgimento da Hermenêutica (1900). **Numen**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21747>. Acesso em: 04 jan. 2025.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Tradução: Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

GALLAGHER, Shaun. **Hermenêutica e educação**. Tradução: Rosana de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRONDIN, Jean. **Paul Ricoeur**. Tradução: Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015. (Coleção Leituras Filosóficas).

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia. TOMO IV (Q-Z)**. Tradução: Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NASCENTE, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Globo, 1952.

OpenAI. **ChatGPT**. 2023. Disponível em: <https://openai.com/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. 1. ed. São Paulo: VirtualBooks, 2003. Livro digital, formato PDF. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/acervo/dominio-publico>. Acesso em: 11 jan. 2025. Licença: Domínio público.

PLATÃO. **Crátilo** - Ou sobre a correção dos nomes. Tradução: Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2015

Reale. Giovanni; Antiseri, Dario. **História da Filosofia** – Vol. 2: Patrística e medieval. Tradução de Ivo Stornioli. São Paulo: Paulus, 2023.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 1: A intriga e a narrativa histórica. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 2: A configuração do tempo na narrativa. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 3: O tempo narrado. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: O discurso e o excesso da significação. Tradução: Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 2019.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Introdução à hermenêutica**. Tradução: Henrique de Lima. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.